

ANDRÉA TRENCH DE CASTRO

Caminhos do Romance em Portugal
Camilo, Eça e o Folhetim Francês


Ateliê Editorial

FAPESP

Sumário

Agradecimentos	9
Prefácio	11
Introdução.....	15
A Capital Política e Cultural.....	21
Do Comparatismo em História Cultural.....	27
O Monopólio da Ficção Francesa: Por que “os Romances Chegam para Ficar”?	35
1. Camilo Castelo Branco e Eça de Queirós sob o Signo do Folhetim	49
2. Uma Viagem pelos Mistérios: Confluências e Divergências entre Eugène Sue e Camilo Castelo Branco.	69
A Instância Narrativa: Os Papéis do Narrador e do Narratário	97

3. <i>O Mistério da Estrada de Sintra</i> : A Estreia Folhetinesca de Eça de Queirós e Ramalho Ortigão	125
<i>O Fait Divers</i> e seu Desenvolvimento no Século XIX	136
<i>Os Mistérios de Marselha</i> e <i>O Mistério da Estrada de Sintra</i> : Porque os Realistas Também Escrevem sobre os Mistérios!	144
Estratégias Paródicas e Subversão dos Modelos Empregados: <i>O Fait Divers</i> e o Folhetim em Evidência	164
4. Os “Mistérios” Portugueses: Camilo Castelo Branco, Eça de Queirós e a Desvirtuação de Modelos Precedentes – um Ímpeto Original	191
Conclusões	201
Referências Bibliográficas	205
Sobre a Autora	213

Prefácio

Na história da consolidação do moderno romance português da segunda metade do século XIX, as figuras de Camilo Castelo Branco e de Eça de Queirós ocupam um lugar absolutamente canônico. Porém, quer pela dimensão considerável e complexidade evolutiva das suas obras, quer pela acumulação de alguns estereótipos reconhecíveis, a crítica e a história literárias nem sempre abarcam a complexidade e os significados da primordial criação literária destes autores, mostrando-se desse modo um discurso aberto, em permanente e desejável revisão.

Um dos casos paradigmáticos de leitura nem sempre benfeita, porque assente em alguns lugares-comuns, reside na interpretação do cultivo oitocentista do popular gênero (e subgêneros) do *romance-folhetim*, presente na etapa inicial dos dois autores estudados e alvo de visões preconceituosas ou apressadas, sendo gênero relegado para as margens da *paraliteratura*. Para uma revisão crítica do tema, torna-se pertinente uma leitura sociológico-cultural do campo e do mercado literários do Oi-

tocentos, por um lado; e por outro, uma visão comparatista que interrogue as singularidades da difusão do romance-folhetim em Portugal, sobretudo a partir do centro irradiador francês, na sua inquestionável supremacia cultural, não ignorando também o impacto da história do livro e da leitura, bem como o influente desenvolvimento da história da imprensa.

É justamente neste âmbito de pesquisa que se insere o presente estudo de Andréa Trench de Castro, autora do presente ensaio e de outros estudos entretanto publicados. *Caminhos do Romance em Portugal: Camilo, Eça e o Folhetim Francês* foi inicialmente um trabalho acadêmico, concebido como tese de mestrado, defendida com sucesso na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP), em 2012.

Num contexto de assinalável crescimento do público leitor e de mudança dos hábitos de leitura em meios sociais burgueses cada vez mais alargados, a produção romanesca oitocentista responde diretamente a essa procura, sendo a escrita folhetinesca um dos fenômenos mais populares. O caso português mostra-se particular nesse processo de difusão e de apropriação de um gênero singular, permeável ao influxo transformador da escrita de dois autores como Camilo e Eça, nomeadamente em etapa inicial e menos valorizada dos seus percursos, mas também de afirmação do romance moderno português.

Partindo de um informado estado da questão e de atualizadas perspectivas teórico-críticas – como as de Franco Moretti (em *Atlas do Romance Europeu*), de Carlo Ginzburg e de Michel Espagne, mas também de Yves Olivier-Martin ou de Umberto Eco –, a autora propõe-se ler comparativamente as obras *Mistérios de Lisboa* (1853), de Camilo, e *O Mistério da Estrada de Sintra* (1870), de Eça e Ramalho Ortigão, na sua relação com a fecundante e hegemônica matriz francesa (de um Eugène Sue, Dumas e tantos outros), por um lado; e por outro, o singular enraizamento do gênero na realidade cultural portuguesa, tão eivada de influências e de traduções francesas, numa lógica relacional centro/periferia no que respeita à circulação de modelos

e convenções estético-literárias no espaço europeu. A referida opção crítico-metodológica não impede Andréa Trench de Castro de, justificadamente, alargar o seu escolhido *corpus* de análise a outras referências literárias múltiplas, estabelecendo assim afinidades e relações pertinentes.

De fato, estruturando intensa e pateticamente as narrativas de “Mistérios”, a retórica da *Imaginação Melodramática* (Peter Brooks), tão do gosto de uma grande massa de público burguês, explica em grande medida a enormíssima popularidade da escrita folhetinesca. E é nesta denunciada e censurada concessão (aparente ou real) ao gosto público dominante que radicam algumas das principais críticas de muitos estudiosos da produção folhetinesca.

Como sabemos, essas críticas denunciam insistentemente a reiteração de temas obsessivos, as eficazes fórmulas narrativas e os excessos da teatral farmacopeia romântica e ultrarromântica; mas, ao mesmo tempo, nem sempre avaliam de modo conveniente a ambiguidade da atitude metaliterariamente desconstrutiva e paródica nela contida – como ocorre na pena camiliana ou queirosiana –, entre outros aspectos a ter em devida conta na postura crítica e original dos autores estudados.

Essas diferenças e modulações interpretativas, superadoras do divulgadíssimo modelo francês manifestam-se, por exemplo, ao nível da instância narrativa, nas atuantes funções atribuídas ao narrador (ostensivamente presente e interventivo) e ao narratário; mas igualmente na configuração dos heróis e das demais personagens, ou ainda na articulação das expectáveis peripécias narrativas, com emoções fortes e arroubos passionais, mistérios e desvelamentos, crimes e vinganças, ingredientes fantásticos e sobrenaturais, aparições de *deus ex machina* e atração pelo *fait divers* etc. Sem esquecer, marginalmente, uma visível preocupação de investimento semântico ao nível paratextual, num registo entre a sedução e a ironia, o provocatório e a mistificação, com óbvias ligações a subversivas estratégias parodísticas, no âmbito deste intenso diálogo sobre importações ou transferências culturais, no trânsito entre o molde e as inovações.